



SANTO AGOSTINHO: ENTRE A PROMISCUIDADE E A ASCESE

SALINAS, Walmir Ruis. TIDE-PG
MELO, José Joaquim Pereira (OR)

INTRODUÇÃO

Aurelius Augustinus quase dispensa apresentação. Tendo vivido no ocaso da Idade Antiga, tornou-se um dos nomes de maior expressão na Idade Média.

Filho de Mônica, fervorosa cristã e de Patrício, um proprietário de terra pagão, residente em Tagaste, norte de África, extensão do vasto Império Romano.

Sua vida é marcada por transitar pelas principais vertentes filosóficas e religiosas de seu tempo, numa busca incansável pela verdade e pelo conhecimento. Sendo assim, acredito que o filósofo de Tagaste se enquadra como poucos, no significado que Pitágoras, filósofo Grego do século V a.C. intentou com a criação da palavra filosofia, que literalmente significa o amigo do saber.

Até acontecer a sua conversão, fato desejado ardentemente por sua mãe, Santo Agostinho abraça, primeiramente, o maniqueísmo¹, devoção que mantém por aproximadamente dez anos.

No campo intelectual foi aluno e professor de retórica, num momento em que esta já não tinha o mesmo apelo do passado. Foi adepto do Ceticismo² dos acadêmicos, corrente que abandonou em seguida, por não encontrar nela o nome de Cristo. Porém não há como negar o apreço que Santo Agostinho teve pelos neoplatônicos, caminho pelo qual ele teve acesso ao pensamento de Platão, base para boa parte da teoria Agostiniana.

Quanto a conversão do Santo de Tagaste, três personagens foram fundamentais: a mãe, Santa Mônica; Santo Ambrósio, com o qual teria aprendido como se utilizar da Bíblia de forma correta, para melhor compreendê-la e São Paulo, leitura obrigatória de Agostinho, após a sua suposta visão, onde um menino teria lhe aparecido e dito “toma e lê”. (*tolle, lege!*). O que o menino teria apresentado ao Santo seria um trecho da Carta de São Paulo aos Romanos(13, 13-14) que, em resumo, convida ao abandono da vida mundana, que seria trocada pelo amor a Jesus Cristo.

¹ Religião considerada herética pelos padres da Igreja, Seu fundador foi o persa Mani, e sua base ontoreligiosa está no confronto entre o bem e o mal. Para se chegar ao bem é preciso se purificar do mal por meio de uma vida pura e cheia de renúncias.

² Corrente filosófica de prestígio na segunda metade do século V, que defendia que não se podia ter conhecimento certo de nada, por essa razão o homem deveria duvidar de tudo.



Em meio a todos esses acontecimentos, Santo Agostinho teve um filho, Adeodato, com uma concubina, com a qual ele desejava se casar, mas as regras sociais romanas de então não permitiam. Teve uma segunda concubina, porém sem aprofundamento dos laços relacionais. Outros fatos significativos e tristes foram a morte precoce do filho, do pai, ainda na juventude e, a mais sentida de todas, a de sua mãe.

A sua inclusão no cristianismo foi marcada por uma evolução meteórica. Foi batizado em 387, quando tinha 33 anos; em 391 foi ordenado sacerdote, sendo de imediato designado auxiliar do bispo de Hipona, de onde, mais tarde tornou-se bispo e assim permaneceu até o fim de sua vida. Santo Agostinho morreu em 430, após a invasão dos vândalos a África.

Um homem marcado por momentos extremos, como a vida libidinosa com suas concubinas e a castidade após o “*tolle, lege!*”, se encaixa bem como elo entre essas duas formas de viver. É exatamente esse o intento maior desse trabalho, mostrar um homem que viveu os dois lados da moeda e por isso passa boa parte de sua vida fazendo um *mea culpa* pelo seu passado, mas também lutando contra as heresias de seu tempo e pela conversão a uma vida em sintonia com a Cidade Celeste³.

A PROMISCUIDADE

A história do Império Romano é marcada por duas fases comuns a todo grande império: ascensão e queda. Não se pode estabelecer uma relação direta entre a decadência do poder político-econômico com a dos costumes morais, principalmente aos relacionados ao sexo, apesar da existência de defensores dessa tese.

Se a liberação sexual foi o parâmetro, o imperador Calígula (37-41) é prova cabal de que mesmo no auge do Império, práticas de orgias eram corriqueiras, tanto que o imperador citado ficou mais conhecido por suas extravagâncias sexuais do que por suas conquistas.

O fato é que tem que se ter um cuidado com a análise que se faz de uma atitude num tempo e espaço distantes do pesquisador.

Questões relacionadas à sexualidade, que são tidas como imorais dentro da tradição judaico-cristão, eram comuns e até cultuadas durante boa parte do Império Romano.

O sexo, por ser principiador da reprodução e símbolo da fertilidade, tinha conotação de sagrado em Roma. Numa rápida olhada às obras encontradas nas ruínas de Pompéia (cidade soterrada após a erupção do vulcão Vesúvio em 79) é fácil fazer a relação com o

³ Santo Agostinho defendia a tese de que os homens que amam a Deus fariam parte da Cidade Celeste. No sentido oposto estariam aqueles apegados às coisas mundanas, que habitariam a cidade terrena.



famoso livro Kama Sutra, tanta era a diversidade de práticas sexuais ali sugeridas. A própria prostituição era tida como necessária para acalmar o ímpeto dos mancebos romanos.

Santo Agostinho cresce em meio a esse cenário de muita permissividade, e como um jovem normal, faz uso da abertura para algumas práticas comuns à época, como a posse de uma concubina. Se a dose de arrependimento apresentada em sua obra Confissões for equivalente à sua prática luxuriosa, é bem provável que ele tenha feito uma longa passagem por esse caminho.

Ao mesmo tempo em que o Império dava sinais inequívocos de decadência, uma religião diferente da comum entre os romanos vai ganhando força, O Cristianismo.

No início O Cristianismo buscou se estabelecer e se defender, ao mesmo tempo, da perseguição e de heresias internas. Porém entre os séculos III e VI consolida uma posição de absoluto repúdio aos desejos carnis e, conseqüentemente, a defesa da primazia do espírito. Após sua conversão, Santo Agostinho cumpre papel fundamental para embasar e defender essa postura do Cristianismo. Por isso entender o processo da sua conversão é importante.

A CONVERSÃO

Pode-se dizer que a conversão de Santo Agostinho começa no berço, pois como afirmado, sua mãe era uma cristã convicta e desejava o mesmo desfecho para o filho. Porém esse desejo, posteriormente realizado não seguiu um caminho curto e fácil.

Várias foram as inclinações assumidas pelo Santo. A paixão pelos clássicos romanos o levou até Cícero, de onde brotou sua paixão pela filosofia. A retórica também lhe tomou um bom tempo de sua vida. A paixão pela mulher, com a qual teve um filho, Adeodato, como mencionado, também consumiu parte das preocupações e atenção do filho de Tagaste. Porém a maior sedução foi estabelecida pelo maniqueísmo, doutrina órfica que Santo Agostinho abraça por onze anos. Cabe dizer que com a mesma força que ele se entregou aos princípios dessa doutrina ao longo desses anos, ele tornou-se seu mais eloqüente combatente, apesar de ficar refém do dualismo radical entre o bem e o mal, ponto nevrálgico na doutrina de Mani (também chamado de Manés ou Maniqueu), embora Agostinho jamais admitisse essa hipótese.

Prova do repúdio que Santo Agostinho passa a ter pelo maniqueísmo pode ser encontrada em sua obra Confissões, onde por diversas vezes expressa sua contrariedade a essa doutrina. Para ilustrar essa afirmação há uma passagem significativa quando é feita uma referência aos seus pregadores:



Havia em sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas de vosso nome [...] Expressavam falsidade não só de Vós, que verdadeiramente sois a Verdade, mas ainda acerca dos elementos deste mundo, criaturas vossas (2000,p.85).

O encontro de Agostinho com o neoplatonismo foi de suma importância para a sua conversão. Corrente filosófica vista com bons olhos por boa parte dos padres da Igreja, como afirma Pessanha na introdução ao livro Confissões de Agostinho:

O neoplatonismo era visto como uma doutrina que, com ligeiros retoques, parecia capaz de auxiliar a fé Cristã a tomar consciência da própria estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia (2000,p.8).

E é exatamente isso que o Santo Agostinho faz após sua conversão, se utiliza de princípios da filosofia platônica para fundamentar parte de seus argumentos teológicos.

Com Santo Ambrósio ela acha o caminho para aceitar e entender a Bíblia, pois várias foram as frustrações em tentativas anteriores nesse intento. E o fato culminante, já devidamente mencionado, foi a suposta visão que o Santo teria tido, de onde recebe de uma criança o convite à leitura de um trecho da carta de São Paulo aos Romanos com um imperativo de abandono às coisas terrenas. Por essa razão não há como negar a importância das palavras de Paulo para a mudança radical assumida por Santo Agostinho.

O ARREPENDIMENTO

Quando se lê Confissões há um fato que chama a atenção, que é o número de vezes em que Santo Agostinho mostra arrependimento pelos seus atos, principalmente os da juventude. Em quase todos os temas abordados ele acha uma forma de se desculpar com Deus. A fórmula utilizada lembra muito a fórmula dos Salmos na modalidade súplica. É bem provável que Agostinho tire dali sua inspiração, uma vez que ele era exímio conhecedor deste livro bíblico e é flagrante o apreço que tinha por ele, uma vez que o cita por dezenas de vezes na obra mencionada.

Apesar de Confissões não ser a única obra em que Santo Agostinho mostra seu arrependimento por sua vida pregressa, esta será tomada como base em razão da veemência e constância em que ele expressa arrependimento e constrangimento pelo que fez antes de sua conversão. Se é certo que boa parte da obra vai nessa direção, três



trechos foram elencados para ilustrar o quanto o Santo se sentia mal com seu passado e o desejo que tinha de seguir o caminho do bem.

Primeiramente Agostinho faz uma comparação clássica para ilustrar o momento em que vivia, que é a passagem da parábola do filho pródigo, onde ele diz:

Andava longe de vossa face, retido por afeições tenebrosas. Todavia, não nos apartamos ou aproximamos de Vós com os pés ou com as distâncias de lugares. Aquele vosso filho – o da parábola – procurou cavalos, ou carros, ou navios, ou voou [...] para viver e dissipar prodigamente em região afastada, o que Vós lhe entregáreis ao partir? (2000, p.57).

A razão da indagação de Agostinho, após colocar-se na condição do filho pródigo, é motivada por sua crença de que o que trás o homem de volta para o bem, é a graça divina, e não a simples decisão de voltar.

Outra passagem clamorosa de como Agostinho tinha necessidade de expressar o mal estar com suas ações anteriores está assim expressa:

E vossa misericórdia pairava sobre mim. Em quantas iniquidades me corrompi e quantas curiosidades sacrílegas me entreguei, até me precipitar, abandonando-vos, nos profundos abismos de infidelidade e no serviço enganador dos demônios a quem “sacrificava” as minhas maldades (2000.p.82).

O texto se alonga por muitas outras linhas, mas o que foi apresentado dá uma idéia mais que razoável de como Santo Agostinho se angustiava pelo que fez, pois são palavras fortes, típicas de quem sente um profundo remorso devido as ações equivocadas por ele cometidas.

A terceira citação é tida como emblemática, pois dá o tom do que o teólogo de Tagaste vai dar a essa obra:

O homem fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; - o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado é a prova de que Vós resistes aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação deseja louvar-Vos[...] e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós (2000.p.37).



A ASCESE

Depois do *mea culpa* largamente expresso em Confissões, por sentir deprimido pelas lembranças da juventude, como sugere Eliade “a redação dessa obra equivale a uma terapêutica. Em paz com Deus, Santo Agostinho se dedica a elaborar o cerne de sua teologia que reside em questões como a da graça e pecado original. Reale e Antiseri resumem bem como Santo Agostinho via essas duas questões:

O pecado original foi um pecado da soberba, sendo o primeiro desvio da vontade. O arbítrio da vontade é verdadeiramente livre, em sentido pleno, quando não faz o mal.[...] mas depois do pecado original, a verdade se corrompeu e se enfraqueceu, tornando-se necessitada da graça divina (2005,p.98).

Contrariando e atacando Pelágio (monge britânico contemporâneo de Agostinho), que defendia a autonomia e força da vontade do homem, Santo Agostinho condiciona o bem à graça divina. Sendo assim, a vontade do homem pouco ou nada valia em sua retomada do caminho correto. Ao contrário de Pelágio que afirmava que homem era o único responsável por sua capacidade de fazer o bem e de evitar o mal.

O homem, “esse fragmentozinho da criação”, como afirmou Agostinho nas Confissões (p.37), totalmente dependente da graça divina, estaria então livre para fazer o que quisesse, uma vez que sua salvação depende só de Deus? Não é tão fácil assim. Agostinho defende que se deve assumir aqui na terra um comportamento compatível daquele que será, no futuro, o cidadão da cidade celestial.

É no cumprimento dessa cidadania que a ascese do corpo assume um papel importante. O motivo é bastante simples, tudo o que está relacionado ao corpo prende o homem a cidade terrena, e o que está relacionado ao espírito explicita a escolha pelas regras da “constituição celestial”.

Por diversas vezes, na obra Confissões, Santo Agostinho fala sobre o imperativo de se dominar os desejos da carne. Fazendo uma alusão à carta de São João, o Santo de Tagaste coloca o domínio da carne como uma ordem divina e diz: “Ordenaste-me que me abstinêsse das relações luxuriosas.” (2000,p.287) Na mesma obra, Agostinho ratifica o apelo paulino para a castidade.(p.202).

Santo Agostinho não é o primeiro a defender a primazia do espírito sobre a carne dentro da Igreja de Roma, mas é certo que ele dá uma sustentação teórica que até então não havia ocorrido. Na esteira das teses Agostinianas, o Cristianismo do medievo dá



prosseguimento as idéias do teólogo, principalmente no que se refere a defesa que este faz da teoria de que o pecado original está ligado ao pecado sexual. Essa idéia não fez parte da tradição Judaica de entendimento do pecado original. É um fato novo para incrementar os argumentos contra os desejos da carne, contrapondo práticas, já mencionadas, dentro da tradição romana.

Assim relata Le Goff a respeito do controle exercido por parte da Igreja de Roma sobre a vida sexual na Idade Média:

Assim é possível afirmar que o corpo sexuado da Idade Média é majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos. O próprio casamento cristão, que aparece, não sem dificuldade, no século XIII, será uma tentativa de remediar a concupiscência (2006,p.41).

A partir do princípio de que o sexo é algo a ser desprezado, sua legitimidade só é aceita para a procriação e dentro do casamento. Duas questões, porém, surgem: Como saber se esta regra está sendo cumprida? A outra é de como controlar os desejos da carne? Para primeira pergunta a resposta é simples, criou-se a confissão, que acabou se tornando um instrumento eficaz para saber sobre uma ação, que a princípio é íntima. Para segunda questão o remédio achado foi um receituário completo de ações para a mortificação do desejo carnal, como auto flagelo, por exemplo.

É surpreendente como um homem totalmente entregue a lascividade, comum em seu tempo, pode se tornar, também, o apologeta da ascese do corpo. Esse é Santo Agostinho, homem que como poucos, viveu os dois lados da moeda plenamente, ou seja, a entrega aos desejos da carne e a completa mortificação desses mesmos desejos.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a medicina e o amor moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Xamã, 2000.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques e VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da renascença às luzes**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.vol.1.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas de Maomé à idade das reformas**. 1.ed.Rio de Janeiro: Zahar, 1984. Tomo III.

LE GOFF, Jaques; FRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.



LOURO, Guacira Lopes (org). **Corpo educado: pedagogia da sexualidade**. 3.ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 2.ed.São Paulo: Paulus, 2005. Vol.2.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.